

Selvagem: Narrativas Contra-Hegemônicas para uma Comunicação Decolonial¹

Cássia OLIVEIRA²

Mayara Martins da Quinta Alves da SILVA³

Andréa Pereira dos SANTOS⁴

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

RESUMO

O ciclo de estudos Selvagem⁵ é um projeto idealizado por Anna Dantes e orientado por Ailton Krenak, que experimenta articular saberes e conhecimentos a partir das perspectivas indígena, científica, acadêmica e tradicional, oferecendo em seu *site* uma série de produtos comunicacionais que tratam de diferentes temas como a origem do mundo, a ecologia e o meio ambiente, dentre outros. A partir de um estudo teórico-conceitual que apresenta alguns elementos fundadores dos estudos decoloniais, propomos analisar uma parte do material produzido por este projeto com o objetivo de identificar como essas narrativas são constituídas e de que forma estes materiais poderiam contemplar a perspectiva de uma Comunicação decolonial. Constatamos que o projeto atua na perspectiva da pluriversalidade dos saberes e das narrativas contra-hegemônicas.

PALAVRAS-CHAVE: estudos decoloniais; narrativas contra-hegemônicas; comunicação decolonial; Ciclo de Estudos Selvagem.

INTRODUÇÃO

O presente texto se caracteriza como um estudo teórico-conceitual que tem como objetivo analisar as contribuições do campo de estudos sobre a decolonialidade, destacando elementos básicos que estruturam parte deste pensamento, para uma reflexão sobre o desenvolvimento de uma comunicação pautada na pluriversalidade, que reconheça e amplifique narrativas contra-hegemônicas. A partir de um recorte teórico que

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Alteridade e Diversidade, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC), da Universidade Federal de Goiás. Bibliotecária e Mestra em Arte e Cultura Visual pela Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: cassiaoliveira@discente.ufg.br

³ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC), da Universidade Federal de Goiás (UFG). Jornalista e Mestra em Comunicação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). E-mail: mayaraquinta@gmail.com

⁴ Pós-doutorado em Ciência da Informação na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Doutora em Geografia pelo Instituto de Estudos Socioambientais (IESA/UFG). Mestre em Comunicação pela Faculdade de Informação e Comunicação (UFG) e Bacharel em Biblioteconomia pela Faculdade de Informação e Comunicação (UFG). Professora do curso de Biblioteconomia e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Faculdade de Informação e Comunicação (UFG). E-mail: andreabiblio@ufg.br

⁵ Ciclo de Estudos Selvagem. *Site* do projeto Selvagem. Disponível em: <http://selvagemiciclo.com.br/>. Acesso em: 17 jun. 2022.

estrutura e destaca as bases desse pensamento decolonial, pretendemos observar, dentro de uma série de produtos comunicacionais elaborados pelo Ciclo de Estudos Selvagem, como se dá, na prática, a experiência de uma comunicação que se pauta pelo enredo do pensamento decolonial.

O Ciclo de Estudos Selvagem⁶, concebido por Anna Dantes⁷, orientado por Ailton Krenak⁸ e produzido por um coletivo de pessoas que são parceiras e apoiadoras do projeto, é um ciclo de estudos sobre a vida que investiga temas como o meio ambiente, a origem do mundo, a ecologia, a medicina natural, identidades e diversidades, dentre outros temas, e que oferece de forma gratuita uma série de produtos comunicacionais: cadernos, ilustrações, *podcasts*, vídeos, ciclo de leituras, palestras, imagens etc.

A produção destes materiais está fundamentada na articulação de conhecimentos a partir de perspectivas indígena, acadêmica, científica e tradicional, contemplando referências bibliográficas e iconográficas científicas e tradicionais. Para Krenak, Selvagem não se trata de uma oposição à ideia de civilizado, mas revela a expressão da vida em si, “diferente de uma apreciação moral entre civilizado e selvagem” o autor e orientador do Ciclo de estudos, observa o Selvagem como vida (KRENAK, 2020, p. 1).

Trata-se do desafio de articular esses conhecimentos esquivando-se, unicamente, da produção científica eurocêntrica, delimitada por uma razão epistêmica incapaz de dialogar com os contextos que não se adequam ao seu modelo de conhecimento e saber. Há uma provocação criativa que se relaciona com as possibilidades de dialogar com o científico para desestabilizar esse lugar e abrir novas janelas de conhecimentos oriundos destes outros espaços de produção de saberes que ficam às margens do saber colonial/moderno autorizado e legitimado por um modelo eurocentrado.

Os estudos que compõem o ciclo Selvagem buscam alcançar as diferentes linguagens e narrativas sobre a vida. O resultado disto é uma série de materiais produzidos

⁶ Ciclo de Estudos Selvagem. Disponível em: <<http://selvagemciclo.com.br/>>. Acesso em: 19 jul. 2022.

⁷ Anna Dantes trabalha com a extensão da experiência de edição para outros formatos – laboratórios, oficinas, revistas, curadorias, exposições, coleções de moda, ciclos de estudo e filmes. Desde 1994, cria, realiza e colabora com projetos de transmissão de conhecimento e memória. Há oito anos realiza, junto ao povo Huni Kuin no Acre, o projeto Una Shubu Hiwea, Livro Escola Viva que contou com parceiros como Jardim Botânico do Rio de Janeiro e o Itaú Cultural e tem dois livros publicados, entre eles, Una Isi Kayawa ganhador do Prêmio Jabuti em Ciência da Natureza. Atualmente dedica-se também ao Selvagem, ciclo de estudos sobre a vida, rodas de conversas e edição de livros que tratam das correspondências entre conhecimentos científicos, artísticos e tradicionais. Dirige a Dantes Editora.

⁸ Ailton Krenak é jornalista e escritor, com livros e artigos publicados em diversas línguas. Autor de “Ideias para adiar o fim do mundo”, “O amanhã não está à venda”, “A Vida Não é Útil” e “Lugares de Origem”. Ailton é ativista indígena da etnia Krenak, fundou em 1988 a União das Nações Indígenas e, em 1989, o movimento Aliança dos Povos da Floresta. Atualmente, dirige o Núcleo de Cultura Indígena (Reserva Indígena Krenak, médio Rio Doce, MG) e atua como orientador do projeto Selvagem.

por uma equipe transdisciplinar e inter-racial que busca mapear e conhecer novas narrativas sobre o mundo, ampliando nossa capacidade de entender o que é a vida para além do conhecimento científico colonizado, que em muitos momentos não incorpora os saberes tradicionais, o sublime e o encantando.

Diante de uma produção muito extensa focamos a nossa observação, com caráter apenas ilustrativo, na Flecha 1 – *A serpente e a canoa*. Essa flecha integra uma série de sete episódios que projeta o Selvagem para a linguagem audiovisual. Pretendemos observar a partir da perspectiva dos estudos decoloniais, as narrativas apresentadas nesta flecha, destacando suas contribuições para a construção de uma experiência comunicacional que se guia na perspectiva do pensamento decolonial, oferecendo ao seu público um conteúdo contra-hegemônico.

A partir de elementos da pesquisa qualitativa que conduzem a análise do material observado e a partir do aporte teórico que compreende reflexões em torno do pensamento decolonial (MIGNOLO, 2021, 2005; FREIRE, 2013; WALSH, 2018) da comunicação (THOMPSON, 2008; SIGNATES, 2012) e das narrativas (ARENDRT, 1989, 2010; BRUNNER, 1987), buscamos evidenciar as narrativas contra-hegemônicas presente no material analisado, confirmando a sua importância em relação à produção de um conhecimento pluriversal e decolonial.

ASPECTOS DO PENSAMENTO DECOLONIAL E AS NARRATIVAS CONTRA-HEGEMÔNICAS

O estudo sobre um pensamento decolonial é impulsionado, especialmente, por uma série de investigações conduzidas por um grupo de intelectuais⁹ interconectados e localizados principalmente na América-Latina. O grupo Modernidade/Colonialidade (M/C), responsável pelo desenvolvimento de estudos sobre a modernidade, a colonialidade e a decolonialidade, concentra seu foco de investigação na tentativa de pensar numa reconfiguração da produção de conhecimento desde outros espaços descentralizados, cruzando fronteiras, rompendo com a universalidade do pensamento e

⁹ Dentre os/as principais pesquisadores/as estão: Anibal Quijano (Peru), Enrique Dussel (Argentina), Walter Mignolo (Argentina), Santiago Castro-Gómez (Colômbia), Arturo Escobar (Colômbia), Catherine Walsh (Estados Unidos), Boaventura Santos (Portugal), Zulma Palermo (Argentina), Ramón Grosfoguel (Porto Rico); Edgardo Lander (Venezuela); Immanuel Wallerstein (Estados Unidos); Nelson Maldonado-Torres (Porto Rico).

“incluindo o conhecimento subalternizado dos grupos explorados e oprimidos” (ESCOBAR, 2003, p. 53).

O grupo busca desenvolver um pensamento decolonial a partir de conceitos e de uma fundamentação política voltada para a experiência da liberdade e do conhecimento pluriversal. Sua atuação se dá de maneira transdisciplinar, articulando e valorizando a experiência e a prática dos sujeitos subalternizados, sua língua, sua cultura e seu contexto, com o objetivo de superar o pensamento moderno e sua herança colonial que controla, exclui e margina populações que não se adequam as categorias de civilização e progresso delimitadas pelo poder colonial eurocêntrico. Trata-se de pensar “ao contrário das grandes narrativas modernistas¹⁰ (...) situando seu questionamento nas próprias bordas dos sistemas de pensamento e pesquisa para a possibilidade de modos de pensamento não eurocêntricos” (ESCOBAR, 2003, p. 53), configurando assim outros espaços para a produção de conhecimento.

Identifica-se, dentre outros aspectos, como as estratégias de controle e de poder, advindas da colonialidade europeia e mais recentemente estado-unidense, legam à Modernidade a continuidade dos processos de exploração, racialização, domínio e controle de populações consideradas inferiores, declaradas como desprovidas de civilização e por isso marginalizadas. A Modernidade herdou da Colonialidade a visão eurocêntrica e universalista do conhecimento, repaginada pela promessa ilusória de progresso e justificada pela suposta tarefa de civilização. Segundo Freitas (2018, p. 146),

Existiria sim, outras perspectivas de conhecimento e de vida, que sobreviveram nos escombros das sociedades vitimadas pelos colonialismos e que poderiam ser base de uma nova compreensão e de novas práticas. Há uma plataforma teórica projetada pelo pensamento decolonial que, ao aludir a memórias, língua e história específica, permite falar em uma suposta “desobediência epistêmica” em relação ao eurocentrismo.

Esta desobediência epistêmica conchama a uma ruptura com o modelo hegemônico a partir do qual se produz o conhecimento, que em geral é sempre uma experiência conduzida e legitimada pelo norte global e que se tornou universal. De acordo com Mignolo (2021, p. 26), a questão central com a qual devemos nos preocupar está ligada à origem da produção desse conhecimento: “quem e quando, por que e onde o conhecimento é gerado?”.

¹⁰ Cristianismo, liberalismo e marxismo.

Partindo destas questões voltamos nossa atenção para a enunciação e não para o enunciado, ou seja, para o lugar de onde esse conhecimento é gerado, observando as marcas geo-políticas e históricas que definem esse local de enunciação. Segundo Mignolo (2021, p. 26), se partimos desse ponto onde consideramos o conhecimento como algo situado, passamos a observar o sujeito que produz conhecimento como uma pessoa “que é um corpo racialmente marcado, em um espaço geo-historicamente definido, que sente o desejo ou recebe o chamado para falar, articular, em qualquer sistema semiótico” (MIGNOLO, 2021, p. 26), e que o faz a partir das experiências e marcas que carrega consigo.

O que gira em torno dessas reflexões é o fato de que a Modernidade/Colonialidade e sua epistemologia eurocêntrica criou uma ideia equivocada de um conhecimento universal porque ocultou suas próprias referências biográficas e geo-históricas, como se os sujeitos conhecedores - quem enuncia - fossem também universais (MIGNOLO, 2021).

Esta ideia de conhecimento universal, entendida como um mecanismo de controle da Modernidade, concebeu o equívoco da neutralidade, definido pelo filósofo colombiano Castro-Gomez (2014) como *hubris* do ponto zero, onde um “sujeito conhecedor que descreve o mundo e os seus problemas, classifica as pessoas e presumi o que é bom para elas” (MIGNOLO, 2021, p. 25). Neste mesmo sentido Amaral (2021, p. 476), explica que a ideia de Castro-Gomez

parte da alegoria desenvolvida por ele ao perceber que os pensadores modernos do século XVI se posicionaram pareados a Deus e, dentro desta fantasia, poderiam construir regras e disseminar saberes para o mundo (...) Desta forma, o “ponto zero” seria o marco para indicar que os pensamentos alheios a essa condição moderna não passariam de opiniões, *doxa*, ou movimentos sem relevâncias epistemológicas.

Essa ilusão epistêmica do ponto zero, ou seja, de que o conhecimento é produzido a partir de um lugar de neutralidade, promove, a partir da conseqüente ideia de universalidade do conhecimento, o apagamento dos muitos saberes, histórias e conhecimento de grupos historicamente marginalizados pelos mecanismos culturais e políticos que os subjugam, exploram e excluem da sociedade considerada “civilizada”. De acordo com Mignolo (2021), a desobediência epistêmica é a resposta que precisamos construir para nos desvincularmos dessa ilusão colonial/moderna que gera a

universalização do conhecimento, tornando invisíveis as histórias e os conhecimentos dos povos não-europeus.

De acordo com Joaquim e Oliveira (2007, p. 916), diversos estudos recentes¹¹ sobre o pensamento decolonial encontram na obra de Paulo Freire relações entre o pensamento deste autor e as bases que constituem os estudos sobre a decolonialidade. Nos interessa destacar aqui a discussão sobre este suposto lugar de neutralidade. Em sua obra *Extensão ou Comunicação?*, Paulo Freire nos apresenta um ensaio onde analisa o contexto de uma formação técnica oferecida por agrônomos à camponeses no Chile, durante um processo de desenvolvimento de uma nova sociedade agrária no final dos anos 1960. A partir dessa experiência, Freire irá apresentar alguns elementos conceituais que corroboram para o debate em torno do pensamento decolonial. Segundo Freire,

a conscientização, que não pode dar-se a não ser na práxis concreta, nunca numa práxis que se reduzisse à mera atividade da consciência, jamais é neutra. Como neutra, igualmente, jamais pode ser a educação. Quem fala de neutralidade são precisamente os que temem perder o direito de usar de sua ineutralidade em seu favor. O educador, num processo de conscientização (ou não), como homem, tem o direito a suas opções. O que não tem é o direito de impô-las. Se tenta fazê-lo estará prescrevendo suas opções aos demais; ao prescrevê-las, estará manipulando; ao manipular, estará “coisificando” e ao coisificar, estabelecerá uma relação de “domesticação” que pode, inclusive, ser disfarçada sob roupagens em tudo aparentemente inofensivas (FREIRE, 2013, p. 59).

O autor tece uma dura crítica a este projeto de caráter extensionista que meramente executa uma transferência e depósito de técnicas e conhecimentos considerados por aqueles agrônomos como modelo ideal de conhecimento, desconsiderando os saberes, conhecimentos e práticas localizados na comunidade onde viviam aquelas pessoas camponesas. A ausência de um diálogo e de uma abertura para o aprendizado dos saberes e das práticas daquelas pessoas revela a tentativa de domesticação e instrumentalização a partir de um conhecimento considerado universal, com um objetivo unicamente desenvolvimentista.

Embora vivamos em condições de suposta liberdade e independência, herdamos as práticas coloniais que em nova roupagem conduzem e controlam as populações marginalizadas a partir dos seus mecanismos, por vezes evidentes, por vezes disfarçados,

¹¹ Ver Walsh (2009), Penna (2014) e Mota Neto (2018).

a nível local e a nível global. “A colonialidade é constitutiva da modernidade” (MIGNOLO, 2005, p. 75) e se manifesta, dentre outros meios, no estabelecimento de uma geopolítica do conhecimento como estratégia do pensamento moderno ocidental que declara suas teorias, conhecimentos e paradigmas como uma verdade universal a ser incorporada, ignorando e silenciando, em decorrência, as outras histórias, saberes e conhecimentos (WALSH; OLIVEIRA; CANDAU, 2018).

Ao recorrermos às outras narrativas, saberes, memórias, práticas e conhecimentos que escapam da lógica e imposição eurocêntrica, estamos praticando, em alguma medida, a desobediência epistêmica, contribuindo para a consolidação de uma nova “plataforma teórica” (FREITAS, 2018, p. 146) que valorize e reconheça aspectos plurais na constituição de uma comunicação contra-hegemônica.

As narrativas contra-hegemônicas e a constituição de uma comunicação decolonial

Assim como a palavra, o discurso e a narrativa são pontos de chegada ao mundo, ou seja, é por meio da ação de narrar sobre si mesmo que iniciamos nossa experiência no mundo e ao mesmo tempo damos sentido a ele (ARENDRT, 2010), da mesma forma os meios de comunicação são para o nosso tempo presente as “rodas de fiar no mundo moderno” onde a humanidade também pode “fabricar suas teias de significação para si mesmo”, desvelando compreensões e sentidos para e sobre o mundo, acessando nestes espaços de comunicação e produção de sentido “contextos mais amplos da vida social” (THOMPSON, 2008, p. 19).

A narrativa é um fenômeno que está ligado a capacidade que temos de elaborar e expressar, a partir dos recursos simbólicos disponíveis, acontecimentos vivenciados individual ou coletivamente. Segundo Bruner (1987, p. 694) estruturamos nossa experiência a partir dos processos linguísticos e cognitivos que temos culturalmente à nossa disposição e a narrativa é um destes recursos. Por meio da palavra organizamos nossa experiência dos acontecimentos humanos, essa “autoprodução das narrativas de vida assumem o poder de estruturar a experiência perceptiva, de organizar a memória, de segmentar ou unir os diversos eventos de uma vida”. É pela palavra que mostramos quem somos, que revelamos ativamente nossas identidades pessoais e singulares (ARENDRT, 1989, p. 192).

Neste sentido, podemos inferir que subjaz às muitas narrativas silenciadas e invisibilidades pela lógica epistêmica do modelo eurocêntrico de produção científica, estão fora do nosso alcance uma miríade de saberes e conhecimentos que podem revelar contextos sociais diversos, ignorados por esse lugar de enunciação universal convencionado pela modernidade.

Bernardino-Costa (2015), analisou, em sua tese *Sindicato das trabalhadoras domésticas no Brasil: teorias de descolonização e saberes subalternos*, as narrativas produzidas por trabalhadoras domésticas sindicalizadas, identificando uma produção de conhecimento fundamentada na oralidade. De acordo com o autor, o ativismo político dessas trabalhadoras é a base de um saber que articula raça, classe e gênero, e que problematiza as narrativas hegemônicas estruturadas pelo poder colonial/moderno.

Ouvir as narrativas contra-hegemônicas destas mulheres descortinou, segundo o autor, “uma realidade diametralmente oposta à anunciada e imaginada” pelos mitos da “democracia racial e do bom senhor/senhora” (BERNARDINO-COSTA, 2015, p. 256). Tais narrativas hegemônicas estruturam comportamentos e interpretações que, posteriormente, apesar da independência dos territórios em relação às suas colônias, seguem reproduzindo as mesmas violências e exclusões coloniais, atualizadas pelos trajes da modernidade. Em outras palavras, ao deslocar o lugar de enunciação dessas narrativas – saindo de uma posição eurocentrada marcada pela universalização do conhecimento (dentre outras marcas coloniais), rumo aos saberes contra-hegemônicos fundamentalmente pluriversais – avançamos para uma experiência de diversidade epistêmica dos saberes que constituem o mundo.

Diante desse cenário social, onde se estabelece com evidência “um conjunto hierárquico e antagonista de relações sociais caracterizadas pela opressão das classes, sexos, raças, etnias e estratos nacionais subalternos” (KELLER, 2001, p. 48), precisamos nos reposicionar assumindo estratégias de resistência que desafiam a hegemonia das classes dominantes.

De acordo com Keller (2001, p. 48), “baseando-se no modelo gramsciano de hegemonia e contra-hegemonia, os Estudos Culturais analisam as formas sociais hegemônicas de dominação e procura forças contra-hegemônicas de resistência e luta”. Neste sentido a comunicação torna-se, dentre outras estratégias, uma ferramenta de resistência na qual se abrem espaços para a participação dos grupos marginalizados pela ordem colonial-moderna com suas narrativas contra-hegemônicas.

A comunicação é um fenômeno que torna possível o fluxo de ideias, que viabiliza as trocas simbólicas a partir da relação e da interação com o outro promovendo a dialogicidade ¹² (FREIRE, 2013) entre as pessoas e possibilitando, como resultado, a produção de sentido (SIGNATES, 2012). A partir disto podemos afirmar que a comunicação é constitutiva na articulação entre narrativas e saberes contra-hegemônicos e os grupos sociais, para a constituição de uma nova perspectiva teórica que priorize o debate decolonial. Segundo Amaral (2021, p. 478) o propósito de “analisar relações desiguais entre dominados e dominantes nos processos comunicacionais e de reconhecer a liberdade de comunicação como manifestação de cidadania, estão presentes nos estudos da área já nos anos 1970, na América Latina”.

AS FLECHAS QUE ABREM CAMINHOS: UMA ANÁLISE DO MATERIAL PRODUZIDO POR SELVAGEM

A partir de recursos audiovisuais e sonoros, cadernos, palestras, ilustrações, ciclos de leituras, um acervo bibliográfico com referências das pesquisas e outros produtos comunicacionais que formam essa grande comunidade de investigação sobre a vida, o Selvagem oferece gratuitamente ao seu público uma produção de conhecimento que reconhece os saberes e as narrativas dos povos originários com o objetivo de incorporar às grandes narrativas históricas projetadas a partir dos países colonizadores, as milenares culturas indígenas e suas diferentes visões sobre a vida. Na imagem a seguir apresentamos a página inicial do *site* Selvagem com todos os produtos comunicacionais que oferece.

Imagem 1 – Página de entrada do *site* Selvagem – ciclo de estudos sobre a vida



¹² Entendemos que na prática a Comunicação se dá numa estrutura que reproduz desigualdades e exclusões. Mencionamos a dialogicidade de Freire como projeção de uma Comunicação idealizada.

Fonte: Disponível em: <<http://selvagemiciclo.com.br/>>. Acesso em: 19 jul. 2022.

Dentre essa diversidade de produtos comunicacionais oferecidos, nos deteremos no estudo e observação de uma das sete flechas selvagens, que são recursos audiovisuais produzidos a partir de pesquisa teórica e da coexistência de saberes ancestrais, científicos, artísticos e mitológicos e que estão disponíveis no *site*¹³ do projeto e em seu canal, na plataforma *Youtube*¹⁴.

As flechas são produzidas por meio da construção de um roteiro que se torna um caderno disponível para pesquisa com todas as referências bibliográficas e visuais utilizadas em sua produção. A partir de uma “compostagem de imagens” que se dá por meio de um processo de pesquisa iconográfica em diversas fontes, arquivos e acervos, além de animações e trilha originais, as flechas promovem uma experiência cognitiva, para que sejam criadas outras perguntas e, principalmente, para a escuta das narrativas pluriversais de diversas tradições. São destinadas “ao público geral e também um convite para que escolas, universidades, pontos de cultura e projetos comunitários de educação acessem narrativas mais pluriversais” (A SERPENTE E A CANOA, 2021, p. 1).

Como estratégia metodológica de investigação desse material, adotamos elementos da pesquisa qualitativa a partir da análise descritiva e exploratória, cujo objetivo é o de compreender um processo de investigação, descobrir ou revelar intuições sobre um tema, aprimorar ideias, observar características marcantes e identificar a natureza do objeto explorado para construir hipóteses e elaborar reflexões (GIL, 2007). O nosso recorte de observação, de caráter ilustrativo, envolve a análise da Flecha 1 - A serpente e a canoa.

A serpente e a canoa

A serpente e a canoa é a primeira flecha da série audiovisual produzida por Selvagem. Esta flecha foi elaborada a partir de um ciclo de leituras e debates, também disponíveis no *site*¹⁵ do projeto, conduzidos pelas seguintes referências bibliográficas: *Antes o mundo não existia*, mitologia do povo Desana narrada por Umusi Pãrökumu e

¹³ <http://selvagemiciclo.com.br/flecha/>

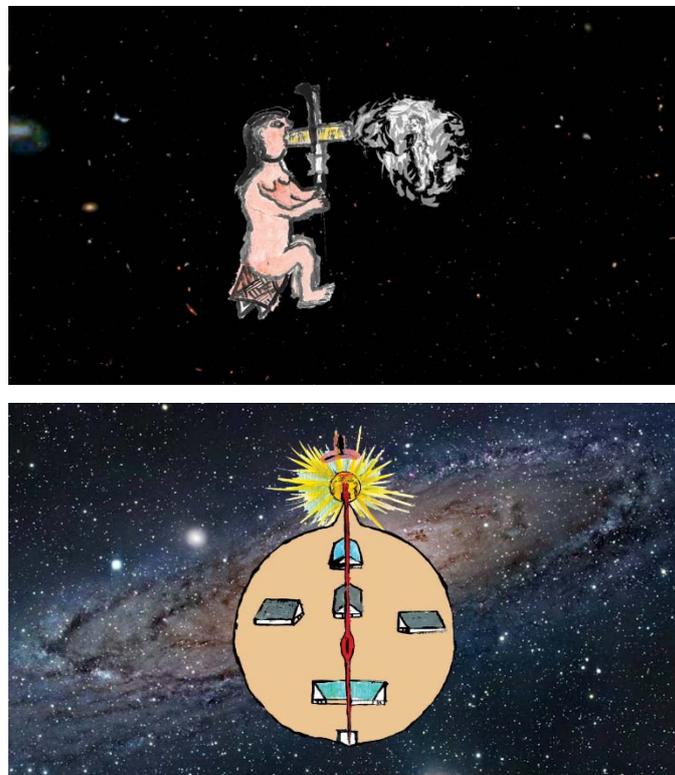
¹⁴ <https://www.youtube.com/channel/UCJFxuy0nRF3Z9YvBW7vIjCA>

¹⁵ <http://selvagemiciclo.com.br/flecha/>

registrada por Torãmü Kêhíri, *A serpente cósmica: o DNA e a origem do saber*, de Jeremy Narby e *O mundo Tukano antes dos brancos*, de Alvaro Tukano.

O fio condutor desta flecha explora teorias científicas contemporâneas e as memórias de culturas ancestrais presentes nas referências supracitadas. O enredo deste episódio entrelaça duas narrativas: “a da canoa cobra, memória originária de povos rio negrinos, e a serpente cósmica, presente em mitos de origem de diferentes culturas, vista como a dupla hélice do DNA, código de memória presente em tudo que é vivo” (A SERPENTE E A CANOA, 2021).

Imagem 2 – *Frames de A serpente e a canoa.*



Fonte: Disponível em: <<http://selvagemciclo.com.br/flecha/>>. Acesso em: 17. jul. 2022

Antes o mundo não existia, narrado por Umusi Pãrõkumu¹⁶ e registrado e ilustrado por Torãmü Kêhíri¹⁷, pai e filho respectivamente, ambos pertencentes aos Desana-Kêhíripõrã da região do Rio Negro - Amazônia, é um livro que reúne os mitos e as narrativas mais importantes dessa cultura. Foi por meio da tradição oral que Umusi

¹⁶ Umusi Pãrõkumu - Firmino Arantes Lana

¹⁷ Torãmü Kêhíri - Luiz Gomes Lana

transmitiu ao seu filho Torãmü os mitos e as narrativas Desana-Këhíripõrã (TORÂMÜ, 1995), com o objetivo de registrar e preservar a memória do seu povo.

Dentre as narrativas apresentadas neste livro, Selvagem destaca a mitologia Desana, com a história da canoa da transformação onde relata a história da origem do mundo - Umuko wi - a “Maloca do Universo”. Daiara Tukano, artista e liderança indígena, narra o começo da história, quando o mundo não existia:

No princípio o mundo não existia. As trevas cobriam tudo. Enquanto não havia nada, apareceu uma mulher por si mesma. Isso aconteceu no meio das trevas. Ela apareceu sustentando-se sobre o seu banco de quartzo branco. Enquanto estava aparecendo, ela cobriu-se com seus enfeites e fez como um quarto. Esse quarto chama-se Uhtãboho taribu, o “Quarto de Quartzo Branco”. Ela se chamava Yebá Buró, a “Avó do Mundo” ou, também “Avó da Terra” (PÃRÕKUMU; KËHÍRI, 1995, p. 19).

Ao longo da narrativa, elementos visuais que contemplam conhecimentos científicos e mitológicos, interagem criando possíveis conexões e familiaridades entre si, apontando para um mesmo rumo, a partir de percepções diferentes. Em *A serpente cósmica: o DNA e a origem do saber* (2018), Jeremy Narby, antropólogo e escritor, se vê diante de um curioso enigma: os indígenas, cujos conhecimentos botânicos espantam os cientistas, explicaram-lhe que o seu saber provém de certas plantas professoras. A partir disto o autor mergulha em uma investigação científica que se dá por meio de uma experiência etnográfica no Vale dos Pichis, na Amazônia peruana, em 1985, com o objetivo de comprovar que, em termos científicos, está afirmação é uma verdade (NARBY, 2018).

Mesclam-se no enredo, as memórias ancestrais por meio das narrativas contra-hegemônicas dos povos do Rio Negro, especialmente na figura da serpente, às imagens e teorias científicas que exploram na Biologia Molecular e no código de DNA, a presença da serpente canoa como originária do mundo. Criam-se conexões e aproximações entre os saberes tradicionais e o conhecimento científico que narram, ao mesmo tempo, sobre a origem da vida e do mundo.

A serpente e a canoa é uma flecha produzida de maneira coletiva, com a participação de lideranças, escritores e artistas indígenas de várias etnias, além da participação de cientistas e acadêmicos. Está fundamentada na leitura de obras acadêmicas e científicas - *A serpente cósmica: o DNA e a origem do saber* (2018), mas

também valoriza as narrativas contra-hegemônicas a partir de obras cuja autoria pertence a escritores indígenas: *Antes o mundo não existia* (2019) e *O mundo Tukano antes dos brancos* (2017). É um projeto orientado por Ailton Krenak, cuja trajetória e militância em defesa dos povos originários é inquestionável, e construído por muitas mãos, memórias, narrativas e saberes de origens diversas. Portanto, as referências que o fundamentam, criam uma narrativa pluriversal sobre a origem do mundo, que ao mesmo tempo está amparada pelo saber científico e pelos saberes e narrativas ancestrais e tradicionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comunicação é um fenômeno, que por sua própria natureza, deveria possibilitar a experiência do diálogo, condição fundamental para a transformação do mundo. “Ser dialógico é não invadir, é não manipular, é não sloganizar” (FREIRE, 2013, p. 31), e isto só é possível quando abandonamos nossas próprias referências para acessar, a partir de outras narrativas e saberes, realidades e contextos diferentes daqueles que vivenciamos. É com o diálogo que problematizamos o conhecimento submetendo-o às muitas e diferentes realidades, desconstruindo o equívoco da neutralidade e avançando na compreensão da existência de outras formas de conhecimento.

Observamos que o Ciclo de estudos Selvagem é uma experiência que tem se destacado em relação ao que se propõe porque oferece uma série de materiais cuja elaboração se pauta no estudo coletivo (Ciclo de leituras), no diálogo (debates com participação do público), e na fundamentação teórica a partir de referências que exploram saberes e narrativas pluriversais – dos povos originários e do saber popular. Encontramos nesta flecha as narrativas de origem do mundo dos povos originários rio-negrinos. Há, portanto, um lugar de enunciação ocupado por essas vozes que são sistematicamente silenciadas pela grande mídia, esta que influencia um grande número de pessoas e que atua a favor da lógica colonial/moderna de poder.

Selvagem vai se configurando como uma experiência de comunicação alternativa que reivindica as narrativas contra-hegemônicas, substituindo a monocultura do saber por uma ecologia de saberes que reconhece a diversidade epistemológica do mundo e supera o falso universalismo baseado no mito do sujeito moderno e universal, da neutralidade (SANTOS, 2006).

Ao aludir às memórias, língua e histórias dos povos subalternizados, e isto fica evidente quando exploramos os produtos comunicacionais que oferece, Selvagem vai contribuindo, na prática, para aquilo que Freitas (2018) chamou de uma plataforma teórica projetada a partir do pensamento decolonial.

Isto se confirma pelas leituras e materiais (cadernos) que o Ciclo de estudos Selvagem oferece, em sua maior parte, assinadas por pensadores/pensadoras, comunicadores/comunicadoras e artistas de diversas etnias indígenas: Ailton Krenak, Davi Kopenawa Yanomami, Daiara Tukano, Torãmü Kêhíri, Cristine Takuá, Carlos Papá, Idjahure Kadiwel, João Paulo Lima Barreto – Tukano, Mac Suara Kadiwéu, Marcos Terena, Paulo Xavante, Paulo Bororo, Eliane Potiguara, dentre outros.

Além disto localizamos referências acadêmicas e científicas de pesquisadores e pesquisadoras que atuam ou que são simpatizantes das perspectivas dos estudos decoloniais, contribuindo com a produção de conhecimento proposta por Selvagem: Emanuele Coccia, Francis Hallé, Antônio Nobre, Anna Dantes, Luis Eduardo Luna, Berta Gleizer Ribeiro, Jeremy Narby, Muniz Sodré e outros/outras.

Há, de fato, um olhar decolonial nesta produção comunicacional, que contempla a perspectiva pluriversal dos saberes e redireciona a experiência da produção de conhecimento para uma prática de diálogo e transgressão das fronteiras que demarcam e excluem a diversidade e a pluralidade humana.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Muriel Emídio Pessoa do Amaral. Pensamento decolonial e os estudos da comunicação. **Extraprensa**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 471 – 487, jan./jun. 2021.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

_____. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BERNARDINO-COSTA, Joaquim. **Sindicato das trabalhadoras domésticas no Brasil**: teorias de descolonização e saberes subalternos. (Tese) Doutorado. 2007. Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília. Brasília, 2007.

BRUNER, Jerome. Life as narrative. **Social Research**, Vol. 54, num. 1, 1987, p. 11-32. Disponível em: <https://www.socres.org/single-post/1987/04/01/Vol-54-No-1-Spring-1987> Acesso em: 07 de jul. 2022.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. El lado oscuro de la “época clásica”: filosofía, ilustración y colonialidad en el siglo XVIII. In: CHUKWUDI, Eze; HENRY, Paget; CASTRO-GÓMEZ, Santiago; MIGNOLO, Walter. **El color de la razón**: racismo epistemológico y razón imperial. 2. ed. Buenos Aires: Del Signo, 2014. p. 89-113.

CICLO de Estudos Selvagem. **A serpente e a canoa**. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2021. (Cadernos de Selvagem).

ESCOBAR, Arturo. **Mundos y Conocimientos de otro modo**. El programa de investigación de modernidad/colonialidad latinoamericano. In: Tabula Rasa, Bogotá, Colômbia, n.1, janeiro-dezembro, 2003, p. 51-86.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREITAS, Altieri Dias de. Notas sobre o contexto de trabalho do grupo modernidade/colonialidade. Universidade, horizontes utópicos e desafios teóricos **Realis**, v.8, n. 02, jul-dez. 2018.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

KRENAK, Ailton. **A vida é selvagem**. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2020. Disponível e: <http://selvagemciclo.com.br/cadernos/> Acesso em: 07 de jul. de 2022.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**: estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru: Edusp, 2001.

MIGNOLO, Walter D. A colonialidade de cabo a rabo: O hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. In: E. Lander (Ed.), **A colonialidade do saber**: Eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires: Colección Sur Sur, CLACSO, 2005.

_____. Desobediência epistêmica, pensamento independente e liberdade decolonial. **Revista X**, v. 16, n. 1, p. 24-53, 2021.

NARBY, Jeremy. **A serpente cósmica**: o DNA e a origem do saber. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2018.

PÃRÕKUMU, Umusi; KĚHÍRI, Torã mü. **Antes o mundo não existia**: mitologia dos antigos Desana-Kêhíripõrã. São João Batista do Rio Tiquié: UNIRT; São Gabriel da Cachoeira: FOIRN, 1995. 264p. (Coleção Narradores Indígenas do Rio Negro; v.1).

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das Ausências e uma Sociologia das Emergências. In: SANTOS, Boaventura de Sousa. **Conhecimento prudente para uma vida decente**: ‘um discurso sobre a ciências’ revisitado. São Paulo: Cortez, 2006.

SIGNATES, Luiz. Epistemologia e comunicabilidade: as crises das ciências, ante a perspectiva da centralidade do conceito de comunicação. **Comunicação & Informação**, v. 15, n. 2, p. 133-148, jul./dez. 2012.

THOMPSON, John B. Comunicação e contexto social. In: **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, cap. 1, p. 19-46.

WALSH, C., OLIVEIRA, L. F.; CANDAU, V. M. Colonialidade e pedagogia decolonial: Para pensar uma educação outra. **Arquivos Analíticos de Políticas educativas**, v. 26, n. 83, 2018.